**Manifesto Crespo 1**

This is an interview with a member of the organisation Manifesto Crespo, founded in 2011, and based in São Paulo, Brazil. It is a cultural collective led by four Black women, who pursue strategies for contesting racism through processes of bodily empowerment, valorizing the particularities and potentialities of Black bodies (<https://www.facebook.com/manifestocrespo/>; https://www.manifestocrespo.org/). Through initiatives such as the award-winning project Tecendo e Trançando Arte (weaving and braiding art), they focus on the characteristics of curly black hair and how it can be appreciated and cared for in creative ways. The collective aims to promote the self-esteem of black women, and reconnect them to their origins and memories within the African diaspora, via activities such as the Estampando Saberes (printing knowledges) project that promoted the art of stamping objects with *adinkra* (Ashanti symbols).

As the interviewee is a social media influencer and thus a public figure, the transcription is not anonymized.

The interview was carried out by Luciane Rocha and Renata Braga in 2017.

**RENATA:**

Vamos começar contando um pouquinho sobre você, quem é a Ana...

**ANA:**

Ai, meu Deus, já está gravando?

Eu sou filha da XXX, sou mãe da XXX, eu sou a Ana Paula Xongani hoje. Xongani é meu nome, que eu falo que é meu nome político, não é? Que ´e o nome que eu escolhi, porque eu sempre imaginei que o nome diz muito da gente. Quando eu chegasse nos lugares e alguém falasse: “Ah, Ana Paula Xongani!” Eu queria que as pessoas pensassem em uma pessoa parecida comigo. E aí, o meu nome de batismo, enfim, eu sempre achei que não parecia comigo, principalmente por causa dos meus sobrenomes. Então, Ana Paula Xongani é o meu nome político, o nome que eu escolhi, e é como as pessoas me conhecem hoje. Hoje, assim, Ana Paula Xongani, ou Xongani, ou Xon. Adoro Xon. Adoro o diminutivo do nome que eu escolhi. Eu acho incrível! É como se tivesse funcionado. Xongani é o nome da minha marca, que eu sou sócia junto com a minha mãe. Há sete anos, é uma marca de moda afro, e a Xongani é, foi a nossa plataforma. A partir da moda, foi a nossa plataforma de transformação social, de militância, não é. E de se colocar no mundo, assim, de se mostrar, sabe? E de alguma forma acolher também. Aqui a gente está no ateliê da Xongani, que é também um espaço físico hoje, e nesse espaço acontece muita coisas maravilhosas. É para olhar para câmera?

**RENATA:**

Tanto faz...

**ANA:**

É porque eu tenho essa mania, não é? Então, falando nisso, eu tenho um canal no youtube, com o meu nome, que também, sei lá, de alguma forma é minha forma de me comunicar, e de falar o que eu estou pensando, o que eu estou fazendo.

**ANA:**

Eu tenho um canal no Youtube, que é a minha forma de me comunicar, e de pensar sobre mim mesma eu acho, de alguma forma. E de falar sobre moda, falar o que eu estou fazendo aqui, e transformar esse projeto de moda, em um projeto político de alguma forma, e de falar de qualquer coisa. Falar de amor também, de falar de beleza, de me colocar mesmo. Eu tenho muita dificuldade de escrever, eu tenho dislexia, não é? E não é piada. Eu tenho mesmo, diagnosticada, desde os anos de idade, e tal, então escrever eu nem acho que é tanto uma dificuldade, mas talvez não é um lugar muito de conforto para mim. Então, eu acho que me comunicar a partir do vídeo é mais confortável. Eu gosto mais de me ver falando, do que ler o que eu escrevi assim. E aí é isso. acho que eu me apresentei já.

**RENATA:**

Como que surgiu a Xongani?

**ANA:**

Eu tenho 29 anos, estou quase chegando nos 30.

A Xongani ela começa a partir da estética mesmo.

Eu sou filha de pais militantes, não é? Principalmente pelas questões raciais. E minha mãe sempre me enfeitou muito, assim, sempre cuidou de mim, sempre arrumou meu cabelo, sempre fez os meus próprios acessórios. E eu acho que a forma dela me proteger do racismo era a partir da estética. Ela fala isso para mim hoje que eu crio a XXX. Que a criança negra tem que estar linda, e não sei o que, que era jeito dela me proteger, que eu não entendia que eu estava protegida de alguma forma. E de certo ponto eu acredito. E aí a gente brinca que a Zongani sempre existiu. E aí eu fiz faculdade, fiz belas-artes que é uma das mais brancas e elitizados e caras de São Paulo. E nessa faculdade eu vou comecei a pesquisar África em todas as possibilidades que eu tinha, porque a faculdade não apresentava nada. Então tudo que eu podia pesquisar de algum país africano eu pesquisava, e todos os meus trabalhos eu fiz esse recorte. E aí, depois no final da graduação, eu fui para Moçambique. E lá em Moçambique eu descobri esses tecidos africanos, isso há 7 anos atrás, onde a gente tinha menos acesso a esses tecidos, não é, e eu me apaixonei.

Aí eu liguei para minha mãe e falei: “mãe, eu descobri uns tecidos aqui eu queria... que eu achei maravilhoso” Ela falou deixa as suas roupas e traz os tecidos. Mas aí eu vou chegar e você vai fazer as minhas roupas. Eu falei: beleza, combinado! E quando eu vi os tecidos, eu acho que foi um despertar, assim, tipo um negócio… Meu, se existe no tecido que não é só bolinha, bolinha, bolinha, florzinha, florzinha, florzinha, xadrez, xadrez, xadrez. Acho que pode existir toda uma moda diferente, assim como existe todo esse tecido diferente que nunca chegou não é?

E aí, quando a gente voltou, a gente começou a fazer acessórios que ela fez para mim, para instalar um pouquinho maior e primeiro evento, segundo evento, tal, tal, tal. Eu gosto sempre de pontuar que o Brasil estava no momento econômico, político, financeiro muito importante. Que a gente estava estudando mais, a gente estava trabalhando mais. Era o começo das políticas públicas. Era no começo, era no final do primeiro mandato do governo Lula. Então a gente estava... muito política pública, a gente estava estudando, estava trabalhando, fazendo mestrado, doutorado, conseguindo melhores empregos, empreendendo. Eu acho que naquele momento a gente tinha um tempo maior para olhar para si, para olhar para o espelho, sabe?

E a Xongani surge nesse lugar, nesse momento estava um fervilhão. Tipo, cabelo natural, aquela coisa, e a Xongani surge nesse momento para transformar esses discursos todos que estavam rolando em roupa.

Então, deu muito certo, assim, foi muito rápido a ascensão da Xongani. dE junto das redes sociais, também, começando a borbulhar Facebook, YouTube e tal. E a gente esteve muita atenta a tudo isso, mais o talento da minha mãe, porque ela sempre foi artesão. E mais o que eu vim pesquisando durante o processo da faculdade, meu, foi uma bomba, assim, que explodiu.

**LUCIANE:**

Vocês já trabalhavam com moda antes?

**ANA:**

Não, eu me formei em Design de Interiores pela Belas Artes e aí nesse período de transição, do momento que a gente criou a Xongani, para eu me dedicar só a Xongani, foi mais ou menos dois anos. Eu trabalhei com arte, sempre trabalhei com arte mas eu trabalhava com arquitetura, com design. Trabalhei muito tempo em uma equipe de criação de mosaico, para fazer mosaicos, subia naqueles andaimes, fazia mosaico. Mas eu sempre trabalhei com Arte, mas nem sempre com moda. Eu não sou formada em moda inclusive, sou formado em design.

**RENATA:**

Você falou um pouco do mercado que estava fervilhando. Você percebe alguma mudança do mercado, da época que vocês começaram para agora?

**ANA:**

Sim, eu acho que agora está diferente não é? Acho que tem um lance que… Enfim, depois desse turbilhão de acontecimentos políticos, a corda estoura para o lado mais fraco não é?

A própria Xongani, esse último ano foi um ano difícil. A gente diminuiu o quadro de funcionário. Assim, a gente não precisou demitir porque, assim, porque em alguns momentos, por exemplo, a minha funcionária saiu, mas eu não admite outra, sabe? A gente percebe o impacto nas vendas, porque é uma questão de necessidade básica, não é? Se o dinheiro não está dando para a gente fazer o básico, é muito difícil gente pensar em estética. E é difícil para mim também. E eu super entendo, sabe? É, e aí também tem outros outras questões. Eu sempre..

O que foi? [criança falando] Ah não tem problema, depois eu limpo. Cuidado para não sujar de novo.

É… [criança falando]

A gente… eu esqueci o que eu estava falando.

**RENATA:**

Sobre os funcionários e a estética…

**ANA:**

Ah, então. É, para mim também, não tem como. E, assim, tem uma coisa que eu sempre falo que consumir de preto é mais caro. É mais caro. Por um motivo muito simples: é pelo sistema capitalista mesmo, a gente produz em escala menor, a gente compra em escala menor, a gente ainda não domina o mercado como um todo. Então, é mais caro comprar serviços e produtos de pessoas pretas. Quando é um produto de qualidade e tudo mais, é muito mais caro. Então, tipo, é nesse momento que a gente percebe que as coisas mudaram assim. É… de 2010, que a Xongani começou para a agora, que é 2018, 2017, tem mudanças profundas, assim.

**RENATA:**

Qual o perfil das consumidoras e dos consumidores. Quem compra a Xongani?

**ANA:**

Quem compra a Xongani, a maioria, são mulheres pretas. A grande maioria são mulheres pretas de 25 a 35 anos, acadêmicas, assim. Tipo galera está estudando. É esse o nosso público alvo.

**RENATA:**

Tem algum recorte de classe?

**ANA:**

Então, eu acho que é a classe C, assim. Classe C. Se fosse para fazer um recorte, classe C.

**RENATA:**

Você acha que o racismo faz com que as mulheres negras não se sintam bonitas?

**ANA:**

Claro. Total.

**RENATA:**

Como que é quando as pessoas experimentam as roupas?

**ANA:**

Ah, nossa. Eu posso passar, tipo, horas, dando vários relatos, assim. E isso que eu acho que é a parte mais emocionante do nosso trabalho. Assim, tipo, é um reencontro. É um reencontro. Eu sinto que ela se reencontram. Eu sinto que, teve uma vez que uma moça disse assim para a gente: “me transforma…” Ela era uma mulher negra, inclusive uma mulher negra retinta, assim, ela era escura, ela disse: “me transforma em uma mulher negra”. Sabe? E aí, quando ela falou, eu falei “meu… o que eu estou fazendo, não é? Era em uma feira preta, não é. E ali, era como ela estivesse falando: eu estou confortável em ser quem eu sou. Mas ela estava quase me falando: tira essa máscara! Tira as minhas cascas. Sabe? E me transforma em uma mulher negra. E as reações são diversas. Tem umas que gritam de emoção. Tem umas que silenciam e começam a se observar. Tem umas que se emocionam. Tem umas que agradecem, obrigada. Tem umas que só se encontram depois que você conversa. Tem umas que resistem também de falar não, isso não é para mim, eu não tenho estilo para isso, eu não posso no meu trabalho, meu marido não vai gostar. E então, você começa a… a entender as questões como funcionam, e aí forame esses relatos que me fizeram ter certeza que discutir moda não está a margem da sociedade.

**#4**

**ANA:**

… As questões aqui no ateliê, são as questões sociais que acontecem em todas as áreas. Economia, Ciências Sociais, acontece na moda também, sabe?

**RENATA:**

Qual é o papel da Xongani na luta antiracista?

**ANA:**

Eu acho que o papel de criar mais um meio de comunicar. Eu acho que a Xongani vem como possibilidade de transformar nossos discursos em estética, e vestir os nossos discursos. Acho que a Xongani faz, dá a possibilidade de nos vestir de nós mesmos.

**RENATA:**

Você acha que o racismo interfere no desenvolvimento da Xongano?

**ANA:**

Com certeza. Assim, economicamente interfere. Emocionalmente interfere, não é, porque, porque…

Filha, deixa a mãe terminar aqui, gatinha. Qualquer coisa fala com a vovó. Sobe e fala com a vovó.

Financeiramente, aí a gente vai falar de racismo institucional mesmo, não é. É muito difícil as pessoas acreditarem que eu sou uma empresária. Eu sempre falo que tem um estigma de xxxx. Então, esse meu corpo não cabe no corpo de uma empresária, assim, não é. Então se eu chego no banco, eles não me leem como uma empresária, por causa do racismo. Se eu chego em um financiamento, eles não me leem. Se eu chego em um… Se eu quero apresentar o meu trabalho como uma Startup, eles não me leem como uma empresária. Se eu vou em um congresso, eles não me leem como uma empresária. Se eles não me leem como uma empresária, eu não consigo falar como uma empresária. Não consigo acessar como uma empresa não é? Então tem isso.

Oh, filha, sobe e fala com a avó.

E aí, emocionalmente, assim, pensando no nosso público final também, porque é todo um trabalho, não é. Muitas vezes para que essas mulheres se vistam, para que elas consumam, a gente precisa conscientizar economicamente quais são os impactos dela consumir com a Xongani. A gente precisa conscientizar emocionalmente quais são os impactos dela consumir com a Xongani. A gente precisa conscientizar de várias formas. Então o trabalho não é só entra, escolhe uma roupa, e sai. É todo um trabalho intelectual, emocional, financeiro. A gente precisa equalizar esse sistema capitalista com o poder econômico das pessoas que estão consumindo. Isso também é fruto do racismo, não é. A gente precisa dialogar sobre feminismo, ali no meio do processo. Então, assim, uma venda de uma peça, demanda para caramba, sabe?

**RENATA:**

Vocês tiveram acesso a crédito para investir?

**ANA:**

Nunca. Nunca. A Xongani nunca teve acesso a crédito. Tudo o que a gente fez foi com recursos próprios. A gente nunca conseguir créditos. Quando a gente começou a Xongani, a gente não conseguia nada. E hoje a gente conseguiu um valor muito pequeno, que só vai gerar uma dívida. Não vai ter impacto no projeto financeiro da Xongani. Então, a gente nunca conseguiu crédito e até hoje a gente nunca consegue crédito.

**RENATA:**

E qual a relação de vocês com outros ateliês, outras marcas que...

**ANA:**

A Xongani começou em um processo muito solitário, assim. E aí depois a gente foi encontrando outras marcas no caminho. Mas é sempre muito positivo. Teve muitas marcas que se inspiraram na Xongani, tipo Boutique de Crioula...

[sem áudio]

**3:36**

… de empreendedoras negras. Tem umas que, como eu disse, a gente não se conhecia, e a gente estava no mesmo corre. E aí no momento que a gente se conheceu, a gente percebeu que o nosso trabalho ...

Ninguém veste só Renner, só C&A, só Hering. Todo mundo veste diversas marcas. E é importante. Até porque, quando a gente fala de mulher preta, a gente fala de plural. Existem muitas mulheres pretas. o estilo da Xongani não vai abarcar todas mulheres pretas, não é? Então eu acho importante ter outras mulheres pretas empresárias.

E essas mulheres que a gente foi fazendo os corres em paralelo,e depois se encontrou, a gente tem profundo respeito uma pela outra. A gente se indica, eu pelo menos, eu não copio, por exemplo, uma peça de uma mulher preta. Tipo, a chegou com uma peça e eu queria essa roupa. Não, essa roupa é da Negrif, eu posso te passar o contato. Ah, mas ela é de Salvador. Sinto muito. É dela. É arte dela. E depois, eu acho que como mercado, não está imune a nada por ser mulher preta, não é. Existe uma segunda leva de empreendedoras que chegaram depois e que viram ali um mercado começando, e chegaram ali, muitas fizeram criações novas, muitas copiaram as criações minhas e dessas outras mulheres. E, a gente dialoga também, às vezes bate papo, fala: olha, vamos…

[sem áudio]

**5:12**

… o que que a gente vai transformar o nosso trabalho.

Aió, sua sapeca! Você sabe o que você está fazendo. Não faz isso. A mãe vai ficar brava.

[sem áudio]

7:10

não consigo avançar no vídeo depois desse tempo

.

**#5**

**ANA:**

… eu recebi um comentário no meu canal que eu não falava sobre apropriação cultural. E aí, desde que eu fiz esse vídeo eu fiz várias palestras sobre o assunto. Eu acho que a gente perde tempo falando de mulheres brancas usando turbante. Para mim tanto faz. Por que? Porque para mim essa discussão de apropriação cultural é uma discussão vazia. Totalmente vazia. A gente tem que organizar o nosso tempo para discutir racismo. Por que? Porque quando a gente resolver a questão de apropriação cultural, a gente não vai resolver o racismo. Agora, quando a gente resolver a questão do racismo, a apropriação cultural vai se diluir nesse problema, não é? Quando a gente tiver uma sociedade de fato equânime, sabe, com equidade, não haverá mais apropriação cultural. Então, enquanto isso, se as mulheres brancas quiserem usar turbante, eu não tenho tempo para lidar com essa questão. A minha preocupação precisa ser se mulheres pretas estão usando turbante, sabe? Então, assim, mulheres brancas definitivamente eu sinto que eu não tenho condições de controlar e de questionar. O meu posicionamento político é: que essas mulheres brancas que estão usando turbante, colem com a gente quando a gente estiver falando de outras coisas. Quando a gente estiver na rua marchando, quando estiver gritando uma Luana a menos, quando a gente estiver gritando liberdade para Rafael Braga. Eu sempre faço esse convite a elas: oh, legal. Mas eu preciso da sua ajuda nisso. Você quer contribuir de fato? Contribua aqui. Enquanto isso, o meu foco e minha energia vai ser para mulheres pretas usarem turbante.

**RENATA:**

O que quer dizer meu turbante minha coroa?

**ANA:**

**1:40**

Ah, eu acho que é uma máxima, em busca de auto estima, assim. Eu acho que a gente precisava, precisa desse resgate. A gente precisa dizer que a história do negro não começa na escravidão. Então o meu turbante é minha coroa, é dizer que a gente tem muita antes das mulheres escravizadas, que a gente tem outras histórias a serem cantadas. Eu acho que “meu turbante, minha coroa” é um grito que diz: tem mais para ser dito, além do que foi dito até aqui, sabe?

**RENATA:**

E nesse movimento de estética afro, estética negra, valorização. Como estão os homens negros? Eles procuram, tem um movimento de busca deles por essa estética? Eles estão inseridos? COmo você vê?

**ANA:**

Então, é.. Eu acho que hoje as mulheres são protagonistas nas mudanças políticas no Brasil, não é? Os homens eles procuram, mas assim, o homem negro ele tem um lugar de conforto não é? Porque a gente já começa a cruzar machismo com o racismo. Então eles tem um lugar de conforto, por ser homens negros. Eles precisam menos buscar, não é, porque ali está confortável. Há um certo conforto..

… de homens. Principalmente de homens gays, porque aí eu acho entra outras questões. Mas é uma busca dessa masculinidade, se relacionando com a estética, e nessa busca pela moda negra. Mas é uma busca muito menor do que a das mulheres, assim. Eu acho que els têm, eu não sei, eu não observo muitos homens. Porque eles chegam menos e a gente direciona o nosso trabalho menos para eles. A Xongani é um trabalho empírico, não é? A gente produz a partir das nossas experiências, e nossas experiências são com mulheres negras. Porque nós somos quatro. A quarta geração de mulheres negras, não é, o nosso trabalho tem esse recorte. Mas a partir das minhas observações aqui no Ateliê, eles procuram menos, e quando eles procuram, eles ainda têm algumas resistências, assim. E eu acho que a afirmação do homem negro ela precisa ser menor. Precisa ser menor porque o machismo protege eles, inclusive. Não, não inclusive. Mas até de alguma forma e ludibriam eles do racismo, sabe?

**RENATA:**

Você se diz uma feminista negra?

**ANA:**

Claro. Claro. Sem medo. Ué, feminista é uma ideia revolucionária de querer igualdade. É simples. O feminismo é bem simples. Eu sou uma feminista negra porque eu quero igualdade entre gênero e raça.

**RENATA:**

E como você vê as gerações, as diferentes gerações, as mais velhas e as mais novas?

**ANA:**

No feminismo?

**RENATA:**

É. No feminismo negro principalmente.

**ANA:**

Eu acho que as mais velhas, eu acho que todas as gerações fizeram o que dava para fazer, sabe? A gente também não está fazendo tudo. A gente está fazendo o que dá para fazer. Sabe?

…

Então eu respeito demais as minhas anteriores, e o que elas puderam fazer por mim, por elas. Eu vejo essa revolução na minha família, quando eu vejo o que a minha mãe fez em relação ao feminismo. O que a minha avó fez, o que a minha bisavó fez. Eu vejo as evoluções geracionais assim, e eu tenho muito orgulho. E é isso. A gente fez o que deu para fazer, a gente fez o que a gente aguentou. Porque lutar também cansa não é?

**RENATA:**

Sobre a sua atuação

…

**6:08 trava**

**#06**

**ANA:**

Então, ter uma câmera na mão sempre fez parte, assim. Por isso que.. Está gravando já?

Eu sempre tive facilidade com câmeras, sempre fez parte para mim o registro. Sempre fez parte. A minha família sempre teve câmera fotográfica. Eu estava conversando com a Renata agora, Renata MArtins cineasta, e ela estava falando: “meu, a gente não tem registo de imagem. Nós mulheres pretas periféricas.” Mas eu sou uma exceção dessa regra. Eu sempre tive. Sempre tive fotos e tal. então câmera sempre fez parte. Então para mim é um meio de comunicação. Do mesmo jeito que tem o facebook, tem um canal. Mas não é bem isso, não é? Aí a gente começa a entender outras coisas. Então estar nas redes me fez perceber outras facetas do racismo que eu não conhecia, portanto eu não estava preparada. Então eu não sabia que o fato de eu ser uma mulher preta, escura, teria limites. Eu não sabia que o fato de eu ser uma mulher preta, escura, casada com um homem preto, escuro, teria limites. Porque, sei lá, eu negocio mesmo com a classe dominante da internet, que são em maioria meninos, brancos e jovens. Então, eu… gente. Está com a vó não é?

Então, é… Ela está com a vó não é?

Aió! Oh, mãe! Porque eu tenho a sensação que ela está aqui.

**#07**

**ANA:**

…

Então, quanto menos

[áudio comprometido]

… o que eu chamo capitalismo das redes.

Então, quanto menos você negocia com essa galera, menos você é visível. Quanto menos você é visível, menos você é visível, a internet ela vai…

[áudio comprometido]

É exponencial. O negócio vai crescendo em espiral, assim, sabe? E eu não sabia o quanto eu não negociava. Não porque eu não queria, porque eu sou o que eu sou. Não é porque eu não quero negociar. É porque eu parto desse lugar: eu sou uma mulher preta, escura, gorda, e velha para as redes sociais.

Eu sou uma mulher de uma família preta, não é uma família miscigenada, é uma família preta. Eu estou construindo uma nova família preta. Eu tenho um empreendimento de pretos. Com a maioria de pessoas consumindo pretas. E é isso. Eu não estou negociando. A minha existência não traz conforto para a classe dominante da internet. A minha existência.

Então, é… aí eu descobri essas barreiras, assim. Eu descobri que, sei lá, quando você é…

[áudio comprometido]

… de vários

**RENATA:**

Inclusive de quem recebe patrocínio?

**ANA:**

Sim.

**RENATA:**

Isso interfere? Você tem alguma forma de patrocínio?

**ANA:**

Não, não. Nunca tive. Não é que eu não tenho. Eu nunca tive. Em dois anos de canal, nem negociações. Porque eu não sou um produto interessante. Então, eu não tenho cachos no cabelo. Eu não tenho cachos, mas eu tenho cabelo endredado. Então, ter cachos, é negociar branquitude. Porque a gente sabe que cabelo cacheado é fruto da miscigenação no Brasil. Ponto.

[áudio comprometido]

… só que aí eu abri mão com o cabelo endredado. Então, assim, as maquiagens não chegam no meu tom de pele. Que marca? Para quê?

…

Tem isso também, não é? Tem a fetização do casal inter racial. Ah, que lindo, casal inter-racial. No caso, não tem esse casal inter-racial aí para falar. Eu não me descobri negra. Eu não fiz big chop. Sabe? Então, tipo, tem muitos caminhos. Eu me descobri nas redes em um não lugar, assim.

…

E a gente está preparado para ver uma mulher negra pedindo ajuda. Tipo, ah, eu não tenho grana, eu não tenho condições, ou eu preciso de ajuda, e tudo mais. Eu acho ótimo. Mas eu não precisei de ajuda, tipo. E não…

Tipo, esse estigma da miserabilidade, que a mulher negra não pode estar em ascensão, as mulheres pretas elas não podem não precisar de ajuda…

**#08**

**RENATA:**

.

**ANA:**

Assim, são as minhas memórias de crianças. Mas eu sempre participei de marchas, reuniões. Eu lembro disso. Quando eu era criança, eu tinha 4 anos, minha mãe junto com uma família de musicistas criou um coral para crianças, chamado coral Baobá. Então eu canto música em línguas africanas, em algumas línguas africanas, sul-africanas, iorubá….eu lembro da minha mãe fazendo encontros na casa dela para ensinar outras mães a cuidarem do cabelo das crianças, isso na década de 90, sabe (...) ela foi maquiadora durante muitos anos com maquiagem para pele preta, livros, eu lembro de livros na minha casa, de valorização da beleza e da estética negra. Eu lembro de em festas eu ganhar 4 bonecas brancas, ela deixava eu escolher 2. 2 eu doava e ela substituia por bonecas pretas. Eu tive uma barbie negra nos anos 1990, o que era um milagre, minha mãe deu um jeito de conseguir uma barbie negra. Eu lembro da minha mãe me acompanhando em questões escolares...Eu fui noivinha na festa junina porque minha mãe brigou, xingou, fez e aconteceu para eu ser noivinha da festa junina, Sempre o cabelo natural. Então são esses lapsos que eu lembro da militância...e em ambientes políticos mesmo. E isso me protegeu demais, eu vi o racismo, mas assim, protegida. Estava sempre ali acompanhada dos meus pais.

**RENATA:**

E seu pai?

**ANA:**

Meu pai ele fazia o papel de realizador de sonhos. Ai eu acho que entra também o machismo da época. Porque meu pai era o provedor. Sempre foi um pai muito participativo, então eu não vivi solidão da mulher negra, por exemplo. Eu sempre tive pai e irmão muito presentes. Depois quando eu comecei a me relacionar, também...Eu casei cedo e estou com ele até hoje. Mas eu sempre tive um pai muito presente, muito dedicado à paternidade. Eu lembro do meu pai cuidando muito da gente...ele sempre acompanhou minha mãe em todas as coisas, sempre foi um facilitador. Talvez ele não alcançasse as discussões a princípio ele não tinha sacada, mas quando era apresentado a ele, ele sem questionar (arquivo comprometido)

**RENATA:**

.

**#09 (áudio comprometido)**

**ANA:**

Da minha filha, né, e

**#11**

**LUCIANE:**

Você poderia falar um pouco para a gente sobre o uso deste espaço aqui?

.

**ANA:**

Aqui a princípio é um ateliê, mas começamos a perceber que ter um lugar físico poderia ser agregador para outras coisas. Então a gente tem um painel “se liga” onde tem eventos, a gente tem os nichos para outros parceiros deixarem os produtos expostos, a gente tem a biblioteca, que é nossa parte de incentivo à leitura, onde tem vários escritores negros. é gratuito para distribuir esses livros, que são escritores independentes. Além disso, alguns cursos já rolaram aqui, como de design gráfico, maquiagem para pele preta e tem os pockets show. Eu falo que aqui é um lugar de ensaio. Às vezes os artistas querem se apresentar pela primeira vez, chamar a família para ver um novo show, um novo projeto e ai ao invés de fazer na sala de casa, faz aqui. Ai a gente divulga nas nossas redes, faz os ao vivos e ai é uma forma da gente encher esse ateliê de energia boa, de encontros, trazer mais gente pra cá, apresentar essas pessoas para essas outras artes. A gente não tem a pretençãod de ser um centro cultural, mas se a gente tem um teto aqui em cima da cabeça, por que não compartilhar?

**RENATA:**

Vocês sempre moraram aqui?

**ANA:**

Não, a gente não mora aqui. Aqui é só o ateliê. Todo mundo acha que a gente mora aqui (...) (para Ayo:) você atende nossos clientes...

**RENATA:**

Você ajuda a desenahr também?

**Ayo:**

**ANA:**

cada um na sua...

**RENATA:**

Você mora perto daqui?

**Ayo:**

não

**ANA:**

.é longe? onde que você mora? (...) a gente mora na Vila Mathilde. Minha mãe também. O ateliê começou na casa da minha avó, que era nessa rua…

**Ayo:**

é, na casa da bisa...mas eu não sei o que ela é sua

**ANA:**

a bisa é minha avó, mãe da vovó…(...)

**RENATA:**

.

**ANA:**

Eu não tenho mãe filha (...) é verdade tem alguns adultos que não têm mãe. Porque? (...) as mães viraram estrelas, morreram (...) porque todo mundo morre, filha.

**Ayo:**

eu não quero morrer